REVISTA DA FUNDARTE
ANO 21
NÚMERO 44
MARÇO DE 2021
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO

POÉTICAS DO ISOLAMENTO:
EXPERIÊNCIAS EM ARTE E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

O PROVISÓRIO, O IMPREVISÍVEL E O REMOTO NA DOCÊNCIA E NA PESQUISA EM ARTE DURANTE A PANDEMIA

Ariberto de Farias Bauermann Filho
Uergs, Grupo Flume[1]
Carmen Lúcia Capra
Uergs, Grupo Flume[2]
Iury de Mello Araujo
Grupo Flume[3]

Resumo: O texto tem como pano de fundo a interação entre integrantes do Grupo Flume (Uergs-CNPq) durante 2020. Inicia analisando alguns efeitos da biopolítica sobre o exercício de pesquisa e docência em arte no imperativo do trabalho remoto. Além disso, observa as estratégias e motivações para produzir conhecimento durante o distanciamento social e o alastramento do vírus da Covid-19. Pretende dar a conhecer como as intercorrências do ano pandêmico atuaram nos modos de ensinar, estudar e pesquisar na escola, na universidade e no grupo de pesquisa, compartilhando estratégias provisórias, mas que podem ressoar significativamente na escola e na universidade pós-pandemia.

Palavras-chave: Docência em arte; Interação remota; Pesquisa.

THE PROVISIONAL, THE UNPREDICTABLE AND THE REMOTE IN DOCUMENTATION AND ART RESEARCH DURING THE PANDEMIC

Abstract: The text is based on the interaction between members of the Flume Group (Uergs-CNPq) during 2020. It begins by analyzing some effects of biopolitics on the exercise of research and teaching in art in the imperative of remote work. In addition, it observes the strategies and motivations for producing knowledge during social distancing and the spread of the Covid-19 virus. It aims to show how the complications of the pandemic year acted in the ways of teaching, studying and researching at school, at the university and in the research group, sharing provisional strategies, but which can resonate significantly at school and at the post-pandemic university.

Keywords: Art teaching; Remote interaction; Research.

1 Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) e bacharel em Design pela Universidade Feevale. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Uergs. Pesquisador voluntário da linha de pesquisa Educação e em Artes Visuais do Grupo Flume - Uergs/CNPq.
2 Professora Adjunta da Graduação em Artes Visuais da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma instituição. Líder do Grupo Flume – Uergs/CNPq e orientadora da linha de pesquisa Educação e/em Artes Visuais.
3 Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); Pesquisador voluntário da linha de pesquisa Educação e em Artes Visuais do Grupo Flume - Uergs/CNPq.

BAUERMANN FILHO, Ariberto de Farias; CAPRA, Carmen Lúcia; ARAUJO, Iury de Mello. O provisório, o imprevisível e o remoto na docência e na pesquisa em arte durante a pandemia. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-14, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

Atravessamentos da pandemia na vida e na educação

O ano de 2020 não foi um ano qualquer, na maior parte do tempo passamos os dias isolados em casa. Foi um ano trágico, com dor e mortes, que exigiu a nossa atenção para a vida humana que há por trás das estatísticas. A conexão pela internet, antes um instrumento de uso complementar às práticas cotidianas, tornou-se condição fundamental para manter funcionando a lógica estabelecida. O mundo passou a se encontrar – senão a existir – por meio de telas eletrônicas, em um processo que transformou completamente o modelo de realidade das pessoas.

Com o Grupo Flume Educação e Artes Visuais, atuante na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, em Montenegro (RS), desde 2018, ocorreu uma construção imprevisível de funcionamento, dada a exceção do que estávamos vivendo. Os meios encontrados para continuar existindo foram determinantes para sua manutenção e puderam fornecer compreensões novas sobre o que pode ser o engajamento em um grupo de estudo e pesquisa, cuja linha dedica-se ao ensino e/em artes visuais[4]. Os temas desenvolvidos neste texto são relações traçadas a partir do encontro virtual dos integrantes dessa linha de pesquisa[5] em novembro de 2020. Do encontro produziu-se um rol de práticas de convivência, uma rede de contato, sustentação e acolhimento em torno das associações entre pesquisa, docência e arte. Pretendemos dar a conhecer como as intercorrências de 2020 incidiram na docência e na pesquisa.

Fomos levados a depender do virtual para estudar, ensinar e socializar, mas o novo ambiente é *onde as vozes eletrônicas tendem a chegar um pouquinho atrasadas e as imagens, pixeladas*[6]. Antes da pandemia, o isolamento servia para proporcionar um pouco de liberdade, mas, hoje, a hiperconexão na internet provoca a forma mais complexa de isolamento já inventada. Por oferecer a possibilidade paradoxal de estar presente e isolado, o modo online também estreita, sobrepõe ou

4 A composição do Grupo Flume pode ser conhecida no *site*: <www.grupoflume.com.br>.

5 Apresentaram relatos Ariberto de Farias Bauermann Filho, André Dias Vieira, Luana da Silva, Mayra Corrêa Marques, Mariah de Godoy Pinheiro, Iury de Mello Araujo, Kellem Francini Santos, Carmen Lúcia Capra, para pesquisadoras/es das outras linhas de pesquisa.

6 As partes em itálico são expressões usadas nos relatos apresentados.

elimina os limites entre o público e o privado, entre o local de trabalho e de descanso, entre a individualidade e a sociabilidade.

Em Byung-Chul Han encontramos subsídios para pensar sobre a atuação da biopolítica digital e de seu poderoso complemento, a psicopolítica digital. Todas as dimensões da vida hoje passam pela internet, onde, voluntariamente ou por falta de outras alternativas, alimentamos uma cadeia de dados. Compras, entregas, consultas médicas, salas de aula, cadastros e redes sociais tornaram-se práticas úteis e corriqueiras. Ao mesmo tempo, estabeleceram uma política ambígua de avaliações que, de formas cada vez mais refinadas, exploram e controlam dados a partir de técnicas de fundo psicológico. As nossas ações na rede "dizem de nós" algo que pode ser transformado em gatilhos de consumo e ideais de beleza e as tecnopolíticas de vigilância também podem levar à perseguição de ativistas, à condução de resultados de eleições e à reiteração do racismo.

Para Han, os atuais "empresários de si mesmo" (HAN, 2020) são os indivíduos que produzem, administram, vigiam (e são vigiados em) seus próprios resultados, absorvendo *em si* um sistema de coerção. Com a sutil disciplina que explora a psique humana, não se trata de superar resistências corporais, apenas, mas de otimizar processos psíquicos e mentais que aumentam a produtividade, pois "através da emoção as pessoas são profundamente atingidas. Assim, ela apresenta um meio muito eficiente de controle psicopolítico do indivíduo" (HAN, 2018, p. 68).

Marcos Dantas (2020) fez uma constatação estarrecedora a partir da oferta gratuita da Google (2021) de utilização de seus recursos de ensino remoto por escolas e universidades brasileiras. Se socorre a total ausência de estrutura do Estado e das instituições para o ensino não presencial, por outro lado os dados estocados nos ambientes virtuais da Google – escrita e imagem e seus tipos, línguas mais usadas, conteúdo apagado, ações repetidas, rastreamento facial – não são só guardados, mas esquadrinhados por algoritmos[7].

7 Durante a escrita deste texto, feita em um documento editável do *Google Drive*, já observamos a inteligência do algoritmo agindo, não apenas na correção do que já foi escrito, mas na sugestão de palavras durante a escrita. Há uma linha tênue entre facilitação e condução das ideias no mundo

No nosso entender, fornecem à empresa muitíssimo mais do que a gratuidade dos aplicativos, pois até as informações anônimas nos tornam objetos de uma visão segmentada[8] que, se pode ser boa para a economia, não atende às prioridades da educação e da arte. A troca também é desmedida, pois permite que uma empresa global de fins lucrativos – e não uma instituição de proteção e desenvolvimento do país – nos tenha como um complacente conjunto de consumidores. Temos que estar alertas, pois, como sintetiza Franco Berardi, "Hoje, o futuro é escrito pela cadeia algorítmica inscrita nos automatismos tecnolinguísticos" (BERARDI, 2020, p. 147).

No ano de 2020, em cidades próximas à capital do Rio Grande do Sul, vivemos a docência e a pesquisa com o perigo vivo *de arriscar o bem-estar e a saúde com objetivo de bater alguma meta.* Às vezes, no trabalho, *somos levados a proteger quem nos emprega, só porque nos emprega. A empresa nos leva a fazer horrores, até encobrindo as coisas que nos fazem mal. Produzir, produzir, produzir,* uma *lógica de incapacidade eterna* que demanda um trabalho de tempo integral. A produtividade invasiva, meritocrática e da concorrência, ainda transfere uma parte dos seus valores para as demais experiências, como a educação e a pesquisa.

A internet e as redes sociais são úteis, porque oferecem serviços prazerosos, mesmo que também sejam um tipo de armadilha, diz Bauman (2016). Porém, fazendo uma avaliação pela complexidade desses recursos e seus usos, buscamos mais do que aprovar ou reprová-los, pois são mecanismos pelos quais as pessoas podem compartilhar suas vontades urgentes e inquietações pungentes, expressando e narrando o que é próprio dessa época.

Experiências no ensino escolar em Arte em tempos de pandemia

Se o avanço de tecnologias digitais na educação é crescente, são necessárias adaptações e criações de outras maneiras de fazer as aulas. Mas

acadêmico e de produção de conhecimento.

8 UNISINOS, Instituto Humanitas. O que o Google sabe de você (recurso eletrônico). São Leopoldo: Unisinos, 2016. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/557182-o-que-o-google-sa be-de-voce>. Acesso em 27 jan. 2021.

como? Docentes competiriam com os vídeos divertidos de *youtubers* com dois milhões de seguidores? Não há uma resposta, nem uma disputa entre *enterteiners* e professoras/es. O que observamos é que há uma fenda entre a atual docência e o espaço escolar e se usa de tudo para costurar as duas. Buscamos aprofundar o olhar e visualizar o que pode existir a partir dessa rachadura.

A docência nas séries primárias do ensino básico tende a utilizar o lúdico como uma ferramenta para aprendizagem, aprender precisa igualar-se à diversão. O mundo lúdico faz as coisas serem mais leves e encantadas, como um sonho da *Disney* e Paula Sibilia entende, por isso, que "muitos discursos atuais, inclusive os mais oficiais, parecem coincidir num ponto: aos alunos do século XXI é necessário oferecer diversão" (SIBILIA, 2012, p. 81).

O que não passa pelo entretenimento, contudo, começa a se tornar chato, entediante, o que pode ser exemplificado pelo que ocorre em um 6º ano do ensino fundamental. Nesse nível, acontece uma virada no ensino, pois muda a quantidade de professoras/es e a abordagem dos conteúdos. Muitos desses jovens possuem aparelhos celulares e os usam constantemente, o que cria como hábito a necessidade de que tudo precisa ser efêmero ou caber dentro de um *story* de 30 segundos. Ocorre que o estudante, na cultura digital, não reage a imposições em um ambiente repressivo, mas

> [...] pelo desvanecimento de qualquer sentido e pela dispersão gerada nesse contato sem ancoragens. Assim, o espectador contemporâneo não seria, portanto, exatamente um receptor, aquele que decodifica, critica ou se deixa alienar, mas um usuário que surfa ininterruptamente no caos das informações. (SIBILIA, 2012, p. 84).

Diante dessa desarticulação, abriu-se no ensino um espaço para um experimentalismo que convoca o doméstico e o improvável. *O isolamento acabou produzindo poéticas de existências*, por isso cabe dizer que *os aplicativos trazem coisas muito positivas*. A possibilidade produzida pela voragem que se instalou, fez com que, nas aulas, *a gente vá experimentando as coisas do mundo não virtual e trazendo elas para o virtual,* tal como surfistas, mas que se apropriam do caos

ininterrupto das informações.

Resultam disso algumas experiências de docência em tempos de pandemia. Citaremos duas, realizadas por integrantes do Grupo Flume, narradas durante o encontro. A primeira[9] tem a ver com criar *canais virtuais de comunicação com as turmas*, mas para ir além disso, criando *uma rádio!, podcasts para falar, escutar, elaborar.* Para nós, docentes e pesquisadoras/es em educação e arte, essas experiências/criações sugerem a volta da voz, no seu valor de narração e convocação de escuta, e o alcance do *conteúdo oral, transmitido pela fala*.

É desse modo que tem sido possível que a professora e os alunos tenham outros espaços de convívio, de experiência e de comunicação como possibilidade de *uso para múltiplas coisas que os alunos, nas trocas produzidas nas aulas, gostariam de ver ali*. As aulas virtuais podem ser, entre outras tantas significações, o espaço onde as *coisas podem ser ditas sem a cobrança própria ao ambiente da sala de aula*. Estamos falando de um outro *espaço de interação mais fluida com os alunos*, onde professoras/es podem propor-se ao *desafio que eu mesma também fizesse as atividades* dirigidas à turma.

Um "canal de arte" aberto com as turmas do ensino médio em uma rede social, teve com o objetivo de tratar de questões referentes às artes em geral. O canal trata de temas como *divulgação, fontes de pesquisa e transmídia, porém sem o compromisso de extenso aprofundamento.* Antes, é como um convite para que os alunos elaborem conteúdo com o auxílio da professora, a fim de, juntos, *manter as informações e os assuntos da preferência deles. Eles gravam um vídeo sobre determinado assunto ou podcast*, por exemplo, produzindo um novo conteúdo.

Embora o canal tenha tido pouco tempo de exploração, a publicação realizada reflete *o processo e a possibilidade de outras experiências* para as aulas remotas de Arte. Foi necessária uma outra medida para o tempo e o contato transcorridos em condições desconhecidas, a fim de que algo aparecesse, com energia suficiente para desenvolver-se coletivamente. Um interesse comum no qual

9 Trabalho desenvolvido em escola privada em Sapucaia do Sul / RS, com turmas de 6° do ensino fundamental ao 1° ano do ensino médio.

pudessem engajar-se.

Em outra experiência escolar, trazemos a proposição[10] de entrelaçamento do lúdico (como jogos, uso de *apps*, etc.) com o não lúdico (normas, parâmetros e conteúdos para seguir), que desabrochou na experimentação de uma *docência pela errância*[11]. Errância é tudo aquilo que está ao meio ou na margem, é caminhar como se fosse uma fuga da realidade para enfrentar o que está posto em nossas vidas. Errância é um meio de experimentação que dá mais importância ao processo, ao trajeto, do que a reprodução estética, seja com o corpo ou em modos de existências (JACQUES, 2012, p. 24).

Assim, adotar a palavra errância no ensino de Arte, é decidir experimentar a docência partindo de referenciais teóricos e da vida que está em jogo. Concordando com Fernando Chui de Menezes, não existem erros, mas estudos pela perspectiva da tentativa: "do ponto de vista didático no contexto da Arte, o erro precisa ser visto sob o enfoque de diferentes dimensões etimológicas" (MENEZES, 2014, p. 47).

Logo, nas aulas de Arte na escola remota, não ficou estabelecido o que estava certo ou errado, mas uma proximidade com o fazer coletivo a partir das coisas, dos objetos e das pessoas em conjunto. Um exemplo disso é a atividade que se deu pela "perspectiva da tentativa", na criação de objetos tridimensionais com legumes e frutas. Um momento compartilhado que também serviu como possibilidade de reconexão entre aqueles que dividem um espaço comum, a casa ou a sala de aula virtual, ou, ainda, a oportunidade para esses vínculos iniciarem.

A proposta inverteu os sentidos iniciais das coisas: o que era de comer passou a ser visto pelo processo criativo e o movimento de tentativas proporcionou experiências com coisas e práticas cotidianas. O projeto e a configuração dos objetos desordenaram o hábito, abrindo um outro caminho entre o lúdico e o não lúdico.

10 Realizada no ensino fundamental de uma escola pública municipal de Parobé / RS.

11 O conceito de "docência pela errância" está vinculado à pesquisa de mestrado realizada por Ariberto de Farias Bauermann Filho junto ao Programa de Pós-graduação em Educação na Uergs. (2021).

Esses dois momentos de aulas remotas de Arte são hipóteses desviantes, que surgiram dentro do que foi possível no ensino escolar. Narrados em um ambiente remoto de pesquisa, ambos motivam a escrita desse texto e a pensar que, se os vínculos entre nós foram mantidos e intensificados no seu lado afetivo, o espaço de trocas produziu um continente de narrativas da docência e da pesquisa dessa época. Frequentamos esses arquivos, procurando *inventar outros modos de estar juntos, outras formas de "estar" professora/or aluna/o*. Diante da "cozinha" que envolve a preparação de um projeto e as abordagens de ensino ou pesquisa, coube *organizar o tempo e o espaço em exercícios de repetições* como uma conduta desviante que alimenta as pequenas transformações possíveis *para adiar a pandemia, o fim do mundo.*

Em busca de indicações para os próximos tempos

Foi através de um grupo de aplicativo que em 2020 a linha de pesquisa Educação e/em Artes Visuais do Grupo Flume pode exercitar-se como o fluxo que está contido no seu nome. Como um "fluxo de água" sem forma pré-determinada, a convivência *online* tornou-se uma possibilidade de existir enfrentando a produção acadêmica que às vezes é quantificada e distante, para tornar-se um canal vivo de partilha de incertezas, de explicações provisórias e de invenções.

Após oito meses de interação virtual, a reunião de pesquisadoras/es permitiu a expressão de perspectivas singulares sobre pesquisa e docência. Mesmo que alguns participantes não estejam dando aulas, existe em comum a formação em licenciatura e a permanência em compartilhar o pensamento sobre educação e artes visuais como atividade do grupo de pesquisa. Além disso, pesquisa e docência modificaram-se porque o "modo remoto" inevitavelmente atingiu a quem leciona, estuda, atua na arte ou trabalha em outras áreas, e todo o grupo se encontrava nessa condição. Como consequência do *home office* e do ensino e estudo remotos, a pandemia atravessou os modos de fazer todas as coisas, misturando as dimensões da vida que tinham um limite mais evidente e definidor.

Ao organizar um encontro pontual, buscávamos reunir o que os meses de

distanciamento social tinham ocasionado. Interessava ao grupo observar essa nova composição da vida para decantar dela algumas possibilidades de gerar conhecimento no isolamento social. Sabíamos de antemão a inusitada conexão das casas com as salas de aula, onde foi possível *dar aula de Arte junto com a mãe do aluno limpando o quarto!* Parecia que ao olhar para a vida como ela é agora seria impossível encontrar formas de gerar conhecimento e não havia o distanciamento necessário para capturar as nuances que mobilizam investigações.

Além disso, a experiência do período em casa é corporalmente sentida, pois a presença do nosso corpo e a ausência do outro é o que dá as primeiras dimensões do vivido: são *vozes que nem sempre chegam,* são as *casas que soam,* são *ritmos que não são os mesmos.* Um conjunto de perplexidades tomou as nossas vidas: a sensação diária da possibilidade de estar com o vírus, a avó falecida pela doença, a desistência de nossas alunas/os, o ânimo inexistente para o pensamento. Mesmo que alguns ensaios retomassem pesquisas já começadas ou iniciassem processos em arte, a revolta com quem negligencia o perigo de contágio e as mortes, direcionava a energia para outras questões.

Conectados por um sinal de transmissão de áudio e vídeo, identificamos o que podemos chamar, apenas experimentalmente, de "evocação da aula", em dois sentidos. Convocam-se alguns elementos que lembram o que era uma aula escolar ou universitária, no que eram as práticas conhecidas e tangíveis do ensinar e do aprender em salas de aula presenciais. Entretanto, invocam-se, criam-se outros meios, tempos e espaços para as salas virtuais, como: *canais de comunicação para que a professora e os alunos tenham espaços/redes de convívio* e que sejam seus, encontros entre docentes de escola e universidade, *fazendo conversas de urgência sobre a vida e a experiência docente em quarentena*[12], aceitação de *medidas provisórias: nunca sabemos, só no dia pra saber* o que vai ser da aula[13].

12 Realizamos encontros entre quem estava lecionando em escola com professoras atuantes, a fim de conversar sobre as aulas de Arte e seus arredores: turmas, setores pedagógicos, interação com famílias, recursos pedagógicos, estratégias de proteção e cuidado de alunas/os como parte das aulas. Agradecemos publicamente à Profª. Karine Storck pela presença generosa.

13 Nas escolas as aulas são síncronas, presenciais. No caso de aulas na universidade, podem ser

Entre pesquisadoras/es e entre nós e nossas turmas, observamos a emergência de alguns elementos significativos que permitem colocar lado a lado o antes e o depois de nossas ações de ensino e pesquisa. Esse confronto explicita embates antigos e persistentes da relação pedagógica que mantém distanciamentos, distinções e hierarquias em relação ao conhecimento (RANCIÈRE, 2011). Ademais, expõem ambiguidades, paradoxos e complexidades, mas, por fim e mais importante, *dão a ver um panorama de começos, são convites ao tateio e à dinâmica do cumum*[14] *e do imprevisível.*

Diante do que narramos do encontro do grupo, respondendo a quais pesquisas estão sendo acionadas pelo contexto pandêmico e com quais meios isso vem ocorrendo, apresentamos uma compilação de maneiras pelas quais a energia investigativa se manteve em 2020, na mescla entre turmas, escola, estudos, investigação em arte e educação e pandemia: a) assumir a voz (e sua possível centralidade) na narração e na escuta da experiência pandêmica; b) acolher os ritmos ralentados; c) formar coleções e coletivos; d) liberar as ações investigativas ou docentes dos rituais e rigores, *como se fossem poemas*; e) amparar as produções possíveis, considerando as condições de estudo, trabalho e vida deste momento.

Esse conjunto estranhamente provocativo de “modos de”, ganha sentido nas palavras de Berardi, pois parece ser “[...] uma revelação de uma esfera possível de uma experiência ainda não experimentada (isto é, o experimentável)”, que atua “no limite entre o consciente e o inconsciente, de modo a deslocar seus limites e a iluminar (ou distorcer) e ressignificar partes do horizonte do inconsciente […]” (BERARDI, 2020, p. 142). Para o filósofo, isso é o ato poético.

Não pretendemos dizer que as consequências da pandemia foram positivas para a educação e/em artes visuais, seja na prática ou na pesquisa desse tema. Seria uma falsa e perversa analogia relacionar uma tragédia mundial aos

síncronas ou assíncronas, com o fornecimento prévio de materiais de estudo e prática.

14 O pensamento expresso relaciona-se com a pesquisa “Arquivo e prática do comum: gerar o que ainda não pensamos sobre educação e artes visuais” (CAPRA, 2020), assim como o exercício de escrita compartilhada desse texto e o contexto comum que o originou.

"benefícios" alcançados, como se o mal fosse necessário para acionar algo bom. Não queremos contribuir com esse tipo de pensamento apressado e irresponsável, como são disseminados tantos outros de mesmo tipo nas redes sociais, pois diminui o drama humano ainda em curso e a responsabilidade necessária no seu trato. Também não estamos afirmando que o que fizemos "é arte", pois não restringimos ao mundo da arte os modos através dos quais venham novos significados e direções para a docência e a pesquisa em artes visuais.

Propomos olhar o que está acontecendo na nossa atuação dentro dessa alargada crise. Além de embaralhar todas as instâncias e derrubar os modos anteriores de fazer aulas, estudar e investigar, passamos a conviver com um estado de não saber que é e não é palpável, evocado em sensações quase corporais, descritas por pesquisadoras/es: *dar um passo para frente e dois para trás* nas aulas*,* conviver por meio de uma *conexão que se altera até com o vento,* dialogar assimilando *o delay da transmissão, os cachorros da casa e os colegas da turma* nas aulas síncronas*.* Ou, ainda, *mudar os móveis de lugar, mudar o cabelo, fazer algo nunca feito antes.*

Assim, ao mesmo tempo da desarticulação do que era uma aula, abriu-se espaço para direções e significados que são estranhos, certamente, mas em um nível de experimentalismo que convoca o doméstico, o improvável e os corpos. Nas aulas, sempre houve "gestos pedagógicos" insistentes, que se repetem. Porém, agora, o que é caseiro e o que se atravessa nas aulas fazem incômodas variações que perturbam e avivam o ensino escolar em artes visuais e a formação docente na universidade.

Nadja Hermann observa que a "dificuldade em valorizar a educação se deve ao fato de que não temos o alcance do sentido da educação. Ela não é um mero conceito descritivo, mas de natureza operacional" (TIBURI, 2014, p. 19). Isso significa que é um conceito operativo que forja seu próprio objeto, ou seja, os modos como a educação é feita constroem o que ela vem a ser. Então,

> A compreensão alargada de educação modifica a forma como educamos, como definimos a política, como conduzimos o trabalho com os alunos, como pais se inserem nessa formação e também como os agentes culturais

> tratam a questão. É preciso problematizá-la, na tentativa de compreender como se interconecta com as condições da cultura. (TIBURI, 2014, p. 19).

As condições da cultura alteraram as relações entre ensinar e aprender, o planejamento de aulas, as formas de interação e os propósitos das atividades, sem exceção. Na forma remota de atuar não existe uma ordem, pois tudo está no ar e, paradoxalmente, tudo está conectado com fluidez nas redes e um ritmo ininterrupto que quebra os prefixos temporais de início, meio e fim. Uma compreensão alargada e operacional sobre educação ajuda a compreender que não há receitas ou métodos prontos, há processos e ensaios alinhados ao cuidado que a época requer.

Na sua formação como palavra[15], "remoto" contém as ideias de percepção, distância, deslocamento e medida. O que vem da nossa experiência imediata é a distância que estamos – em todos os sentidos – dos modos pré-pandemia de fazer ensino e pesquisa na combinação de arte e educação. Assim como educação é algo que se dá a conhecer pelos modos como é realizada (TIBURI, 2014), consideramos que para atuar remotamente incorporamos sem escolha uma desaceleração e um descolamento em relação às nossas matrizes, que estão dando algo a conhecer para a educação e/em artes visuais feita agora. As interações virtuais, os encontros antes improváveis com professoras/es e pesquisadoras/es residentes em distâncias antes intransponíveis e a sala-quarto-cozinha-quintal de aula, como ações feitas entre quem participa do grupo de pesquisa, talvez deixem ressonâncias significativas para a escola e a universidade pós-pandemia.

A mesma rede que captura dados e conecta com falhas, também pode amparar quem está na conexão. Isso é contraditório, pois faz com que a gente se ressinta de trabalhar no virtual, porém dá a vez ao motivo humano. É o mesmo motivo que sustenta a educação e a arte que nos une, hoje requerendo afeto e generosidade para atravessarmos juntos os tempos tempestuosos de agora e os que virão como consequência da pandemia.

15 Ver <https://origemdapalavra.com.br/palavras/remoto/>.

Referências:

BERARDI, Franco. *Asfixia.* São Paulo: Ubu Editora, 2020.

DANTAS, Marcos. A privatização da educação através das plataformas de ensino remoto. Entrevista a João Vitor Santos, *Instituto Humanitas Unisinos On-Line,* 5 out. 2020. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/603420-a-privatizacao-da-educacao-atraves-das-plataformas-de-ensino-remoto-entrevista-especial-com-marcos-dantas>. Acesso em 30 jan. 2020.

GOOGLE. *Ajudando os educadores do ensino fundamental e médio a causar ainda mais impacto* (recurso eletrônico). Google: 2021. Disponível em: <https://edu.google.com/intl/pt-BR_ALL/why- google/k-12-solutions/>. Acesso em 27 jan. 2021.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço.* Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

_____. O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã, segundo o filósofo Byung-Chul Han. *El Pais,* 22 mar. 2020. Dísponível em: < https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html>. Acesso em 05 jan. 2021.

_____.*Psicopolítica – o neoliberalismo e as novas técnicas de poder.* Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte: Editora Âyiné. 2018.

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes.* Salvador: EDUFBA, 2012.

MENEZES, Fernando Chui de. *Erro e errância na educação em Arte.* 2014. 157p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

TIBURI, Marcia. *Diálogos/Educação*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2014.
SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes*: a escola em tempos de dispersão. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. *O Mestre Ignorante*: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lílian do Vale. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. Zygmunt Bauman: As redes sociais são uma armadilha. Entrevista a Ricardo de Querol, *El Pais,* 8 jan. 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html>. Acesso em 31 jan. 2020.